



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

19 de Maio de 2001 • Ano LVIII - N.º 1492  
Preço 60\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## O NOSSO JORNAL

# Porte Pago

**Q**UISERA não ter de voltar a este tema que se nos impõe como um espinho espetado na carne — até que uma decisão oficial no-lo arranque. Mas a realidade é esta: Ao começarmos a compor a presente edição do Jornal, a anterior, com data de 5 de Maio, está aí — que os Correios não a levam sem a garantia do nosso pagamento integral, enquanto não tiverem a prestação estadual que vigorou até ao fim de Abril. Em números redondos, segundo informação do Responsável por este serviço em Penafiel, são mil e quinhentos contos (1.500.000\$00) por cada expedição — o que importará nas vinte e seis edições de cada ano, uma despesa de trinta e nove mil contos (39.000.000\$00).

Todos compreenderão que o espinho espetado na carne não é uma figura literária, senão uma brecha realmente aberta na vida de uma publicação e de uma Obra que não custa nada ao Estado, antes mobiliza para um Bem Social que nunca tivemos a preocupação de medir, mas no qual o Povo português acredita e confia, prestando-lhe os meios que o tornam possível.

Inclusivamente na esfera da cooperação com os Povos dos países e territórios de língua portuguesa que o n.º 6 do Artigo 7.º do recente Decreto-Lei que regula o «novo Sistema de Incentivos do Estado» contempla, se atribui o direito a uma participação de 80% ou de 95% no custo da sua expedição às «entidades que editem publicações que estimulem o relaciona-

mento e o intercâmbio com tais Povos». Ora como foi possível levantar dos escombros as Casas que tínhamos construído em Malanje e Benguela quando em tal estado de degradação nos foram restituídas em 1992 e construir de raiz a Casa do Gaiato de Maputo; e sustentar ao longo destes dez anos os cerca de quinhentos rapazes que as habitam e repartir pelas desgraçadas populações que nos envolvem tanto bem, nas áreas da fome, da habitação, da saúde, da instrução — senão porque o Povo português, estimulado pela palavra d'O GAIATO, acorreu, espontânea, generosamente, em tantos casos mesmo sacrificadamente, pondo em nossas mãos as quantias elevadíssimas implicadas numa operação desta envergadura?!

E vem agora um diploma de Incentivo (!) trazer mais esta factura de trinta e nove mil contos anuais, para que O GAIATO possa continuar levando à inteligência e ao coração do Povo, o estímulo que o sofrimento atroz daqueles nossos irmãos de Angola e Moçambique lhe tem sido, para se multiplicar em actos

de partilha que autenticam uma consciência de humanidade e de civismo que se não vê nos Poderes!

Numa vida, por sua natureza tão dura, faltava-nos este acinte de desgaste a consumir-nos. Meu Deus, como é difícil neste mundo trabalhar de graça!

Mas por Ele e n'Ele esperamos a razoabilidade dos homens e dos seus resquícios de bondade desinteressada de dividendos políticos. Continuaremos a lutar. Iremos até onde for possível.

Todas estas razões foram atempadamente apresentadas a quem de direito. «Estão a ser analisadas» — dizem-nos. Quando virá a resposta?...

A edição que devia estar na rua e também esta que agora se prepara, chegar-vos-ão às mãos, Leitores Amigos, custe o que custar.

Quem dera que na primeira de Junho possamos dar-vos outras notícias que sejam o direito deste avesso áspero e feio que somos hoje forçados a partilhar convosco.

Padre Carlos



No fim do trabalho vem a fotografia

**Q**UE valem as pessoas se não se amam umas às outras? As crianças vêm ao mundo para vencer e dou com elas, pelas ruas, em vias de destruição. Temos que lhes dar a mão. Bem sei que elas não têm conta, de tantas que vivem por aí ao abandono. A Casa do Gaiato é uma gotinha de água.

Ouvi, há tempos, uma comunicação das autoridades judiciais em que diziam que são necessárias mais umas centenas de cadeias para pôr cobro à onda de criminalidade que assola o País. Sim, as penitenciárias que existem mais parecem armazéns de pessoas do que instituições de educação para a reintegração social. A grande maioria é constituída por jovens. Dá-me pena! A sociedade, tal como está, é geradora de criminosos. As condições

## BENGUELA

# Projecto arrojado

sociais são muito degradantes, a começar pela família onde os filhos bebem o leite dos homens do futuro. Mas, se está estragado, para que serve? É na família que o Estado deve fazer o grande investimento para ter uma sociedade sã. E a Igreja também. Curar o mal na raiz é a medida mais sensata.

Se a criança não é amada quando precisa, como há-de ela amar? A quem pode amar? Então, que sociedade estamos a construir? Onde não há amor é o reino da selva. Que se passa em Angola onde a guerra ainda é lei?

Qual o futuro duma parte muito importante das crianças? É a cadeia? E se em vez de cadeias construíssemos Aldeias fora das cidades, em ambiente sadio para atrair as crianças que vivem na rua e levá-las para lá. Dar-lhes pão, escola e ocupação. Dar-lhes muito amor para descobrirem o valor que têm. Fazer-lhes compreender que não são apenas estômagos e inteligência, mas que têm uma vocação divina, fonte última da sua dignidade. Não

Continua na página 4

## SETÚBAL

# Escola de humanidade

**P**ARA entendermos melhor alguns dos nossos casos temos de recuar no tempo!... Abrir brechas na escuridão longínqua de várias décadas passadas!... Contemplar as vendedeiras vestidas de chita policromada, enfeitando as ruas e as praças das nossas cidades com pregões cortando o silêncio apeteçido das avenidas nuas de automóveis e, raramente, cruzadas por charrettes, carroças e cavaleiros!...

A rádio ainda não surgiu e o telefone é uma invenção recente.

Contam-se pelos dedos as pessoas formadas em cada cidade, e as trevas do analfabetismo invadem as multidões.

O exame da quarta-idade é privilégio de poucos rapazes das aldeias e, nalgumas cidades mais importantes, existe, por acaso, um liceu, havendo a Universidade somente em Coimbra, Lisboa e Porto.

As fontes de riqueza brotam dos campos e dos mares, em processos arcaicos, exigindo muito suor e grande tenacidade.

A indústria é rara, obsoleta e ingrata.

O comércio rudimentar.

As artes e as ciências são apanágio de famílias endinheiradas.

É o tempo do nosso rapaz. Não o nosso.

Parece impossível, mas... é verdade.

Chegou, há dias, a nossa Casa um rapazinho que irá fazer doze anos no próximo Outubro.

Não é africano nem descendente de emigrantes. É branco e filho de portugueses.

Nunca andou na escola, apesar de ter vivido toda a sua vida próximo da Capital.

Habitado a uma vida selvagem, revela-se desprovido de hábitos humanos, tornando-se, por isso, repelente, com muitas dificuldades em comungar a vida dos outros rapazes.

Quando não se isola, provoca continuamente rixas com os outros. Não sabe comer. Não sabe lavar-se. Nunca ouviu falar em regras de higiene. A sua boca e os seus dentes apresentam-se em estado lastimoso. Não é atrasado mental, mas patenteia, naturalmente, um recuo civilizacional conflagrador.

O vocabulário e a forma como se exprime denunciam ausência profunda de diálogo maternal em pequenino.

Não está registado. Não é portanto cidadão deste mundo. Não é cidadão português.

Continua na página 3



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**OS MAIS POBRES** — Em resultado de um trabalho elaborado pelo Departamento Estatístico dos países da Comunidade, os respectivos técnicos chegaram à conclusão de que Portugal lidera a lista com mais Pobres — pessoas que usufruem um rendimento inferior a 60% da média nacional. E se o estudo do Eurostat incidisse sobre o rendimento per capita europeu, a situação do País seria preocupante: 22% da população vivendo com muitas dificuldades.

A propósito: servimos aqui remédios a boa parte dos mais carentes. E pagamos, na botica, entre oitenta a noventa contos de fármacos por mês. Que seria desta gente se não houvesse quem lhe botasse a mão sem burocracia...!?

Não falamos já doutras carências da vida pessoal dos Pobres, nem sempre expressas em estatísticas oficiais. Talvez mesmo em alguns processos do rendimento mínimo garantido, cuja medida, específica, é já considerada estável porque, dizem, «atingiu a maturidade», com mais famílias a abandonar a medida do que a recorrer a ela. Quem dera que sim...!

**VOZ DO PAPA** — Em Novo Milênio Ineunte:

«O cristão que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova 'fantasia da caridade', que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre,

de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna. Por isso, devemos procurar que os Pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como 'em sua casa'. Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho — e este anúncio é a primeira caridade — corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. A caridade das obras garante uma força inequívoca da caridade das palavras.»

**PARTILHA** — Lavadores (Vila Nova de Gaia): «Agradecendo a Deus uma graça recebida», a assinante 34220 manda em vale de correio um donativo «para os Pobres».

O assinante 16696, de Venda do Alcaide, presente com dez mil, e «não é necessário acusarem recepção, basta uma breve referência n'O GAIATO».

Porto — «Pequena contribuição» da assinante 65946, e um cartão singelo.

Parte de um cheque, do assinante 38004, do Lavradio, em viagem com a filha e dois netos. Boas férias!

Outro cheque, este de cinco mil, «para a farmácia dos mais necessitados», com «um grande abraço» duma Leitora, de Areias (Vila do Conde), a quem retribuimos na mesma proporção.

Porto — A habitual «migalhina relativa aos meses de Maio e Junho. Louvo o Senhor pelo bem que fazes aos irmãos carenciados. Não é preciso agradecer. Um abraço para todos de 'uma portuense qualquer'» Que bem!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Em cima, os Infantis; em baixo, os Iniciados.

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — O nosso Grupo Desportivo tem realizado treinos intensos, para estarmos preparados para receber os clubes que nos visitam. Agora, foi o Sport Lisboa e Benfica, com a presença de duas equipas do Futebol Juvenil: *Iniciados* e *Infantis*. Chegaram a Paço de Sousa por volta das 11h30. Chefiava a comitiva, uma velha glória: o Adolfo, defesa esquerdo, que foi vice-campeão europeu e campeão nacional, pelo Benfica, quando se consagrou sem derrotas.

Aquela hora os rapazes participavam na Missa. Demos uma volta pela nossa Aldeia e as perguntas sucediam-se e eu ia explicando na medida do possível. A certa altura, afirma o Adolfo: — *Que maravilhoso isto é! Este arvoredo dá saúde. Que bom centro de estágio isto dava, depois de tudo adaptado, claro. Aqui há espaço para tudo!*

Homem habituado a viajar pelo mundo inteiro, sendo confrontado com lugares tão bonitos e tão espaçosos. Mesmo assim, a não deixar de admirar a beleza e a pureza da nossa Aldeia.

Depois, seguimos em direcção a Paredes. Parámos o autocarro frente à Casa do Benfica e encaminhámo-nos para o restaurante. No fim do almoço o destino foi a Casa do Benfica. Tomámos o café naquela maravilhosa esplanada. Aqui é justo referir que foi a Casa do Benfica, em Paredes, que pagou toda a despesa dos técnicos e atletas encarnados, no que diz respeito ao restaurante.

Regressámos à Casa do Gaiato para a tarde desportiva. O primeiro desafio teve lugar às 15h15. Foram os Infantis. Os nossos miúdos jogaram lindamente e até conseguiram bater o pé ao adversário. Foi um regalo vê-los a trocar a bola. Eu não queria ser injusto e por isso não cito nomes, pois há sempre um ou outro que sobressai.

Depois foram os Iniciados, que não quiseram ficar atrás dos mais novos. Pegaram nos mesmos livros, e também não deixaram que a vitória fosse para a Capital. Antes de começar o jogo, o Presidente e Vice-Presidente da Casa do Benfica, em Paredes, ofereceram uma medalha comemorativa, ao Benfica e à Casa do Gaiato respectivamente. Tudo correu bem. Ficámos satisfeitos, não pela vitória em golos, muito embora..., mas sim pelo comportamento, pelo desporti-

vismo e civismo de todos, quer no campo, quer na rua.

Em redor do campo estava bastante gente que gosta de desporto. É pena que não estejam em todos os jogos. Bem sei que uma boa parte daquele público, pais e familiares dos jogadores encarnados, fizeram questão de acompanhar os filhos. No entanto, também houve um espectador que normalmente não liga a este tipo de jogos, mas desta vez até veio ver... Era o Benfica!

Alberto («Resende»)

**TELEVISÕES** — Algumas estão estragadas porque têm muitos anos de uso. Pedimos aos nossos Leitores que tenham algumas em bom estado, o favor de no-las oferecer. O nosso antecipado muito obrigado.

**CASA DA MATA** — Foi uma antiga moradia de des-

canso, de Pai Américo, agora reconstruída. Parece que está a ficar em bom estado.

**ESCOLA** — Alguns nossos companheiros irão ficar no mesmo ano...!

Mas pode ser que melhorem no terceiro período. Nós temos necessidade de estudar, por todas as razões e mais uma: as empresas obrigam...

**EXCURSÕES** — Neste último período recebemos alunos de escolas cujo tema, da sua área escolar, é a partilha. E nós ficamos muito contentes com a amizade e a bondade de tantos jovens.

**NATUREZA** — As nossas árvores, há umas semanas atrás, estavam todas floridas. Agora, estão cheias de fruta. Mas ainda verde...

José Miguel («Melão»)

## FESTAS

- 25 de Maio, 21,45 h., Salão Paroquial de ERMESINDE.
- 26 de Maio, 21 h., Salão Paroquial de VALONGO.
- 27 de Maio, 21 h., Salão dos Bombeiros Voluntários da TROFA.
- 8 de Junho, 21 h., Salão da Associação Nun'Álvares de CAMPANHÁ, PORTO.
- 9 de Junho, 21 h., Centro Social e Cultural da Paróquia de VALBOM, GONDOMAR.
- 10 de Junho, 17 h., Colégio de Santa Teresa de Jesus, SANTO TIRSO.

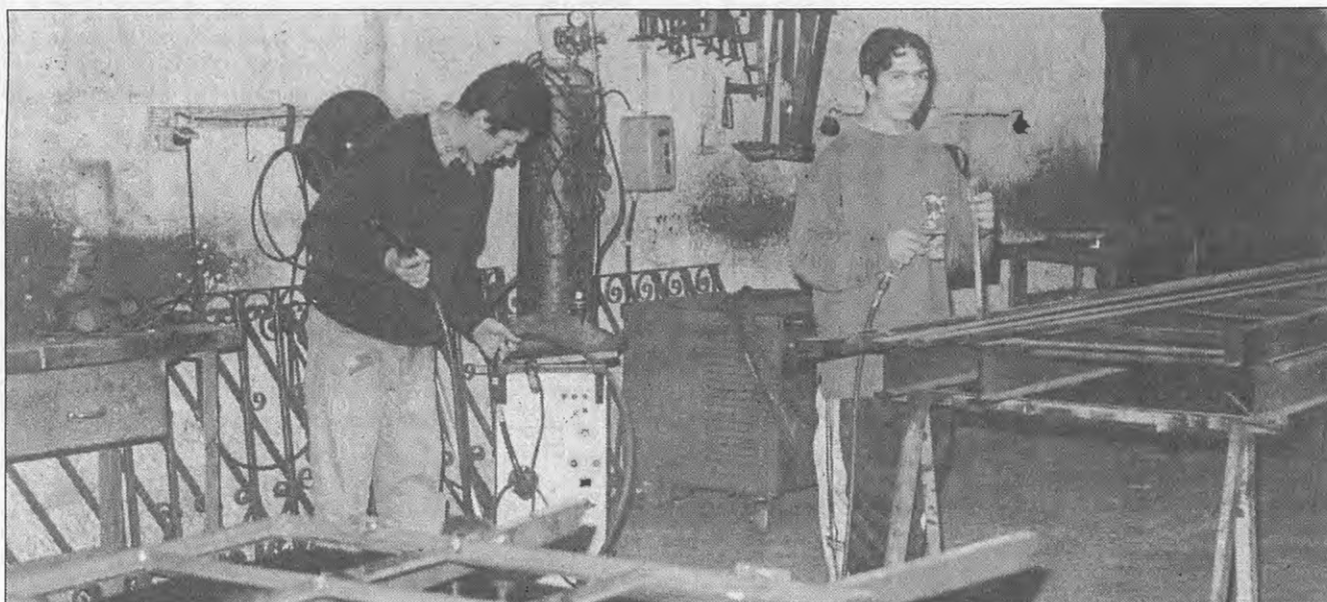
## SETÚBAL

**CARRINHA** — Hoje a carrinha velha ficou com duas rodas enterradas na areia e viu-se à rasca para sair dos buracos. Mas, com cuidado e habilidade, o Hélder Grande conseguiu desatascar a carrinha. Ela voltou logo ao trabalho porque não há tempo a perder.

mais dois cachorrinhos. Um preto e um branquinho. A mãe é a Lassie. A malta gosta de andar com eles ao colo e fazer-lhes festas e dar-lhes beijos. Quando chegamos perto deles correm para a gente a abanar muito as caudas (que até parecem torniquetes) e dão-nos grandes lambidelas na cara e no pescoço. É uma alegria quando temos cãesinhos pequenos para brincar.

Carlos Nascimento

CÃEZINHOS — Nasceram



Uma parte da serralharia da nossa Aldeia de Paço de Sousa



# Setúbal

Continuação da página 1

Foi-nos trazido agora pelos serviços oficiais do Estado por não haver, em parte nenhuma, ninguém que o recebesse.

Somos nós — a Casa do Gaiato — quem goza da subida honra de acolher este pobre escorraçado.

Em tempos de tanta bazófia social, administrativa e legal é uma Obra da Igreja que se debruça amorosamente sobre estes problemas, os quais são também a prova provada do falhanço de tanta instituição de apoio à criança sem família, e a vergonha duma sociedade que se diz evoluída.

Não queremos que ninguém nos confunda com essas iniciativas. Não

somos uma mera instituição — somos uma Obra. Isto é um trabalho contínuo, em perene elaboração. *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.* Obra que tem como único e exclusivo agente o autêntico amor familiar.

É nesta escola de humanidade que o nosso abandonado se fará um homem.

O mundo copia sistemas estrangeiros com técnicas complicadas para acudir a quem teve a indizível desgraça de nascer ou crescer sem amparo.

Nós fazemos exactamente o contrário: Proclamamos que o técnico é aquele que ama. Mas que ama seriamente. Ama com amor tão forte que dá a vida, escondidamente, sem desejar outra recompensa que não seja que o seu amor frutifique no coração daqueles a quem ama.

Os melhores técnicos são os rapazes. Unidos na mesma barca da desventura e tendo comungado idêntica experiên-

cia, eles entendem como ninguém os seus irmãos; e intuem com clareza as manhas mais subtis, os melhores remédios para os seus males e dão as melhores lições para a vida de cada um!

Veremos amanhã este rapazinho feito homem. O seu passado ficará escondido. Ele agora é nosso. Já anda na escola. Come à mesa com o Padre da Casa. É seu filho.

Amanhã aparecerá nas Festas trazendo alegria ao nosso coração.

Em meia dúzia de anos avançará um século. O amor com que lhe queremos, fará desabrochar nele os sentimentos sublimes do homem novo. Não temos pressas. Não iremos aplicar técnicas estrangeiras, erradamente impostas por uma pseudo-ciência ou legislação.

Iremos fazer dele nosso. Será nosso. Tudo faremos para que ele nos faça seus.

Padre Acílio

# Cartas

## Inquietação sacerdotal

«Não sei como nem porquê, só hoje abri o *Jornal do aniversário*. E li-o, com mais atenção do que de outras vezes, com a colaboração amiga dos Leitores que dizem coisas lindas, como eu não sei dizer. Habitado a escrever e a ler, a 'fazer' jornais, encontrei aqui o 'Amigo' de tantos anos em Portugal, desde o tempo dos Seminários, onde era leitura do refeitório no dia em que chegava. Depois, fui assinante; e, um dia, um amigo comum fez-me distribuidor na paróquia onde se passou a vender, ler e amar O GAIATO. Vim para Roma em Setembro de 2000. Arru-

mei as contas e pensava que O GAIATO seria saudade. Ainda bem que me enganai, pois vim encontrá-lo no correio de L'Osservatore Romano, onde sou encarregado da edição em língua portuguesa. E sou eu que o leio. Tenho pensado já várias vezes em escrever-vos, mas ficava sempre para outra ocasião. Hoje acabei de o ler e abri a 'caixinha' de escrever para não ficar para amanhã o que posso fazer hoje. Feriado, possibilidade de fazer outra coisa e lá ficaria mais uma vez para trás o contacto convosco. Obrigado por enviardes o 'Amigo' para a nossa Redacção, onde nos anos da minha presença, será leitura, podeis crer. A minha paróquia de origem deve muito à Casa do Gaiato,

pela ajuda dada para obras ali necessárias em algumas famílias e porque recebeu crianças em situação difícil. O que fiz pel'O GAIATO nada foi em relação ao muito que vós fizestes pela paróquia. Daqui o meu obrigado, mais uma vez. O pequeno óbolo que envio será para o que vós quiserdes. Contando sempre com a vossa presença, tendo já colaborado minimamente no processo das virtudes heróicas de Padre Américo, apresso-me a dizer: Falai disso no *Jornal*; é a luz que não se deve pôr debaixo do alqueire que deve iluminar, porque pode. E não vos esqueçais da campanha de graças e milagres. Só assim o processo avançará. Está muito nas vossas mãos, mais do que nas mãos dos que aqui trabalham para isso. Ninguém pode ou vai confundir santidade, testemunho, humildade, desprendi-

mento com o que disserdes ou fizerdes pela causa. Ninguém discute Padre Américo; mas, sem sinais, não chegamos a parte nenhuma. Podemos discutir o método, mas é assim mesmo; e, como Portugal está 'muito longe de Roma', se ninguém o aproximar, nunca mais se encontram. Creio que me entendeis e, se eu não sou relator nem Postulador, o que puder ajudar a fazer, faço-o de muito boa vontade.

Permanece a conversa entre nós, ninguém precisa de saber. É um favor que vos peço.

Os meus cumprimentos respeitosos e amigos. Parabéns ao *Jornal* e felicidades para todos vós.

Um Leitor»

## Notícia não é espectáculo

«Não há dúvida que a vossa Obra pertence a Deus e depende apenas do Seu Amor, por isso a leitura do *Jornal* sabe tanto a Evangelho e nunca, apesar de retratar tamanhas tragédias, lembra a derrota do Homem pelas adversidades, catástrofes ou maldade do seu semelhante. A notícia, o relato, não são espectáculo,

# DOCTRINA

Um episódio



A caminho de Lisboa encontrámos prostrada, à porta da igreja dos Congregados, uma criança da rua. Eram duas da tarde. Passa o turbilhão daquela hora e daquele lugar. Gente piedosa entra e sai do templo, não se podendo bem afirmar se será capaz de compreender o Jesus do Altar, quem O não viu à entrada, pequenino, estendido com fome!

**TOMAMOS o garoto debaixo da capa e fomos por ali fora até um restaurante. — Que não. — Oh meu senhor, toda a casa é própria para dar de comer aos famintos! — Já dixes. Aqui não se dá de comer a essa gente! Ele estava a comer!**

SÁIMOS ambos. Perto há uma tasca. Enquanto atravesso a rua, amaldiçoei o espanhol e disse para os meus botões que, na hora derradeira, diante do Tribunal de Deus, a causa «*daquela gente*» há-de ter melhor e mais fácil defesa do que a nossa! Sentámo-nos. O catraio comeu e comeu e comeu. — Basta, meu filho, que te faz mal!

ERAM horas do rápido; tinha de me ir embora. Tempo e marés não esperam. O pequenino fez-me uma ferida no coração que sangrou toda a viagem. Dias depois vai o nosso Manuel ao Albergue Distrital buscar pequenos da pedincha das ruas. Trouxe cinco. Era noite. Estávamos todos a ceiar no imenso refeitório dos frades. Há dois focos de luz. Acolhimento fervoroso. Espanto. As perguntas faíscam. Nisto, um dentre os recém-chegados levanta a mão, aponta a mesa do fundo e grita: — *Ó rapazes, aquele senhor deu-me de comer! Tinha-me feito uma ferida no coração. Veio curá-la, com pena de mim!*

*P. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

CAMPO — Temos andado a semear milho e a cortar silagem. Agora é mais fácil porque a máquina nova faz quase tudo sozinha e despacha o trabalho mais rápido. Só temos é que ajeitar a carrada para o reboque não virar. Depois, cortamos o que a máquina não cortou para aproveitar melhor.

Carlos Firmino



Casamento do filho do «Pinguinho» que foi da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Ela é Hermínia, ele José.

## Gentes dos subúrbios

As gentes dos subúrbios São um aglomerado absurdo. Exprimem-se com dificuldade, Relacionam-se com agressividade, Alimentam-se deficientemente, Trabalham repetidamente E são consideradas trastes Pelas outras bandas das cidades.

As gentes dos subúrbios Encontram-se em lugares taciturnos, Moram em casas degradadas, Deslocam-se em ruas degeneradas, Brincam nos locais dos diversos lixos E são consideradas trastes Pelas outras bandas das cidades.

As gentes dos subúrbios Magoam os meus olhos E apertam o meu coração. Os vários sóis Recusam-se a dançar Em qualquer sótão Porque em todo o lado Sobem fumos Negros, cinzentos e pálidos. E são consideradas trastes Pelas outras bandas das cidades.

Manuel Amândio

são comunhão. Neste espírito de comunhão venho pedir o favor de aceitarem o cheque junto. É uma oferta de uma pequena família para a extensa família da Obra da Rua e para todos os que com ela se cruzam e pedem auxílio. Sei que uma oferta assim não tem a

beleza da Caridade, que não dispensa o 'bafo humano', como ouvi dizer a um Padre da Rua, mas se ajudar alguém a ficar feliz, como Deus deseja, então também ficamos felizes.

Assinante 12794»

## Porte pago

«Li, com surpresa, a propósito do Porte pago, os custos que teriam de suportar para a expedição d'O GAIATO — essa fonte cristalina de conselhos e casos que abalam a nossa consciência.

Doutrina inesgotável de casos 'ao vivo' que se passam dentro das vossas Casas, fundadas com o leme de Pai Américo.

Em especial no fim do dia venho beber à fonte para alimentar o meu espírito que, por muito a que já assisti em 70 anos de vida, esta me desilude porque reconheço que o progresso nos desvia para caminhos que não são os verdadeiros.

Assinante 41186»

## MALANJE

# O Zeca

FUI ver o Zeca ao Sanatório do Outão. O Zeca tem 14 anos. É um rapaz esperto e gosta imenso de ler. Entrou na Casa do Gaiato de Malanje em 1996. Tem o grande dom de fazer amigos, apesar de uma constante tristeza no olhar.

Quando estou com ele esforço-me por fazê-lo sorrir. Quando sorri, é como quando o sol num dia cinzento rasga as nuvens.

Os médicos têm esperança da sua recuperação. O sol e o mar têm a certeza.

E eu, Zeca? Digo-te que sim, mas, se fores capaz de recuperar a tua alegria... Como quem sobe a um alto monte e, lá no cimo, sorri às encostas de sol. Uma certa alegria no teu olhar! Certo?

Padre Telmo



## ENCONTROS EM LISBOA

## Semear a Esperança

UM sábado atrás, andávamos todos na azáfama de plantar árvores. Faziam-se buracos na terra, mais ou menos alinhados e, de seguida, colocava-se estrume e a planta. Nisto aparece o António, mais conhecido entre nós pelo nome de *Cientista*. Observou e não perdeu tempo a disparar pergunta atrás de pergunta. Para que são os buracos? Para que servem as plantas? Como são as plantas? Enchia-me o tempo necessário para responder às perguntas e fiz-lhe a recomendação de que depois não podia estragá-las se queria ter a esperança de um dia ter frutos e ter sombra. Ofereci-lhe um sacho para também trabalhar. Respondeu-me que era muito difícil e que ia era brincar.

Também era brincadeira a minha proposta dado que o António tem um corpito frágil. Apesar de ter onze anos mais parece ter apenas oito.

Depois desta conversa, ficou a bailar-me na cabeça o tempo de espera necessário para um dia podermos ter sombra e deliciarmo-nos com os frutos. Mas é preciso começar por algum lado. Antes de vermos os frutos é preciso sujar as mãos, ir à luta com alegria, recordando o salmo 125: «Os que semeiam em lágrimas recolhem com alegria. À ida vão a chorar, levando as sementes; à volta vêm a cantar, trazendo os molhos de espigas».

Não sei por que conjunto de circunstâncias, nos últimos tempos, tem havido um oceano de acontecimentos e de ditos que quase nos fazem lembrar tempos apo-

calípticos. É a irresponsabilidade apregoada a cada esquina e face a cada departamento. É a crise da economia com as suas damas de companhia: inflação, salários, poder de compra, despedimentos. É a corrupção que como atoleiro engole quem por aí se arrisca. É a justiça que não julga ou que tem pesos e medidas diferentes consoante o cliente. É a insegurança que se esconde a cada curva da estrada ou esquina de prédio, para não falar nas «ilhas» de difícil acesso. É a escola que não ensina. É a crise da juventude e da família. É a Igreja que envelhece e se lamenta. É a saúde que está doente... Tudo isto cria um enorme desânimo e desalento, pessimismo propício ao «tudo é válido» e ao «safe-se quem puder».

Os nossos Bispos publicaram uma nota pastoral. Gostei sobremaneira do último parágrafo: «Levantemos âncora e façamo-nos ao largo, pois espera-nos o mar imenso do futuro». Fez-me lembrar o que o nosso povo já há muito diz: «Águas paradas não movem moinhos»; ou uma outra frase: «É andando que se faz caminho».

Voltando às nossas plantações. Poderíamos ficar muito tempo a lamentar a falta de sombra e de frutos que nada resolveríamos. É preciso pôr mãos à obra, mesmo que isso custe. Só assim a esperança se torna acção e capacidade de nos mobilizar para encontrar caminhos. Quando aqui em Casa me começam com lamentos de que isto e aquilo vai mal, pergunto sempre:

— O que fizeste para que corresse melhor? Enquanto nada fizeres, não tens o direito de criticar.

Passa-me pelo espírito e pelo coração, muitas vezes, a história daquele galileu, de nome Jesus, que deu a Sua vida, nascendo dessa entrega de Si próprio, a Ressurreição, manancial inesgotável de Esperança para todos os que andam sobrecarregados. Estamos em tempo pascal. Que os cristãos, através da sua vida e do dom de si próprios, aprendam a semear a Esperança no caminho dos homens. Somos crentes como profetas da Esperança, apontando caminhos com a nossa acção e com as opções da nossa vida. Não seremos crentes como profetas da desgraça.

Padre Manuel Cristóvão

## Benguela

Continuação da página 1

lhes falte a educação religiosa como parte integrante da sua formação. Não se salvarão todas? De certeza que não serão precisas tantas cadeias para as guardarem quando crescerem. Esquecerão mais facilmente a degradação da rua, em contacto com a vida que se respira no ambiente novo que lhes é oferecido. É a experiência de longos anos de vida. O ambiente familiar deve ser o padrão do governo das novas habitações.

É um projecto arrojado, não há dúvida. A situação é tão grave, entretanto, que só as decisões arrojadas lhe podem fazer frente. Um dos primeiros problemas que surge, o mais difícil de resolver, com certeza, é o das pessoas dispostas a dar as suas vidas para que estas crianças tenham vida. Não é, propriamente, o técnico ou o funcionário, mas, sobretudo, a pessoa que ama à maneira do pai e da mãe. O grande problema des-

tas crianças é de ordem familiar. Há-de ser nesta linha que a resposta deve ser dada, a nível de instituições também. Parece-me que a primeira resposta à criminalidade crescente está na atenção a prestar, agora, à criança da rua. Prepara-se, deste modo, um futuro mais saudável e mais seguro. De contrário, o País terá que se confrontar, mais cedo ou mais tarde, com uma onda grande de insegurança social. As cadeias nunca chegarão. É mais seguro construir Aldeias.

O adolescente em risco necessita dum acompanhamento adequado à sua idade e aos seus problemas. Quando a criança entra na instituição e cresce normalmente não resulta daí ruptura sem solução. Mas quando o adolescente viveu na rua desde criança, as feridas são bem mais graves, a pedir tratamento adequado, em espaços também adequados. Um dos elementos essenciais é o acompanhamento personalizado, só possível em comunidades pequenas e ocupações apropriadas. Creio que nesta área social muito pouco se tem feito, se é que há alguma experiência, em Angola.

Estes problemas dizem respeito ao Estado. Mas a sociedade civil é capaz de pôr outra alma nas acções criadas por ela. E a Igreja? Quanto bem tem feito, neste tempo, ao longo da História e continua a fazer? Congregações religiosas voltadas, com a força do seu carisma, para esta parcela do Reino, realizaram maravilhas. Agora, em Angola, são muitas as Famílias religiosas, mas não estão voltadas também para esta seara já madura. Foi com muita alegria e redobrada esperança que vi chegar os Salesianos, mestres ao longo dos tempos na educação da juventude em risco de vida, como esta de que hoje me ocupei. Quem dera amem Angola nos seus filhos que mais precisam, porque abandonados.

Padre Manuel António



A fonte da alegria é o amor

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Contraste

«OS portugueses parece que estão tontinhos!», dizia-me alguém que habitualmente está fora do nosso País, ao ver a grande quantidade de novos edifícios de apartamentos que vão sendo construídos nestas terras do Litoral. «Como ocupar tantas habitações, se os casais portugueses têm já poucos filhos?». Serão estas as novas quintas de rendimento, onde se aplicam os excessos de ganhos e se precavê o futuro?

Com perspectivas de vida opostas, vamos encontrando famílias pobres em busca de uma casa para viver. É o caso de uma mãe e sua filha de tenra idade, abandonada recentemente pelo marido e não querida pela família a que pertence. Há algum tempo que os vinhos ajudamos. O marido sempre ia ganhando, embora não o suficiente. Havia a renda e as despesas habituais para liquidar. Agora ficou só, com a filha nos braços.

Fomos e adiantámos o aluguer. Pequenas ajudas de outros lados, sempre esta mãe vai encontrando. Uma pequena casa para eles seria o mais indicado.

Outra mãe em situação semelhante, veio de longe, com sua filha adolescente, após separar-se do marido. Procura, mas não consegue encontrar trabalho. Meteram-se numa casa arrendada, mas não conseguem obter os meios para pagar a renda.

Ainda outra família, o casal e três filhos, tendo o mais velho meia dúzia de anos, ocupam uma habitação alugada da qual têm a renda atrasada de alguns meses. Ele recebe uma pensão de invalidez e vai fazendo, quando pode, alguns trabalhos. Ela cuida dos filhos, sendo um ainda bebé. Uma casinha para eles e deles, seria a solução.

Outras situações paralelas podiam ser somadas, já que casos semelhantes se vão multiplicando, pois como nos dizia o Pastor de uma paróquia quando há dias nos acompanhava numa visita aos Pobres: «Parece que a doença dos ricos está a chegar aos pobres — as separações entre casais».

Sabemos que são situações que não são de hoje; alguns dos nossos rapazes vêm de famílias pobres separadas.

Estes casos de famílias destruídas, em total dependência, precisam mais do que uma ajuda, antes de uma casa inteira. Quem dê o terreno e lhes ponha o ninho pronto a habitar. Respostas destas, só pela caridade!

Padre Júlio

## Festas

## Tojal

O encontro com os Amigos vai-se realizando todos os fins-de-semana. O grande desafio agora é Lisboa, no dia 27. Esperamos a sala cheia e o carinho habitual. Os nossos rapazes gostam de perceber que gostam deles, mesmo a sério, e que somos capazes de deixar coisas para trás só por causa deles.

Padre Manuel Cristóvão

20 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão Paroquial de FORTE DA CASA.

27 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.

3 de Junho — Domingo, 15.30 h, Auditório da Igreja de RIO DE MOURO.

14 de Junho — Quinta-feira (Corpo de Deus), 21.30 h, Salão da Associação Recreativa de CASAÍNHOS.

## Setúbal

19 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Os Loureiros de PALMELA.

26 de Maio — 21.30 h, Sociedade Incrível Almadense, ALMADA.

27 de Maio — 16 h, Centro Paroquial do MONTIJO.

2 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpectua Azeitonense, AZEITÃO.

16 de Junho — 21.30 h, Fórum Luísa Todi, SETÚBAL.

## PENSAMENTO

Obras de amor não se fazem com dinheiro. Os orçamentos não cabem dentro delas.

PAI AMÉRICO